

UM POUCO DA MINHA VIDA

A DEFESA CONTRA O OFIDISMO – INGRESSO NO BUTANTAN

AUGUSTO ESTEVES

“ (...) A minha primeira visita ao Butantan foi na manhã de um domingo, no começo do mês de março de 1912. Convidado pelo meu amigo Sarracino, acompanhei-o como auxiliar, pois fora chamado para fazer um grupo da família do Dr. Vital Brazil, diretor e fundador daquele Instituto científico, como homenagem à sua filha Vitalina, em vésperas de partir para a Alemanha, com o fim de aperfeiçoar-se ao piano, seguindo a orientação de Felix Otero, seu professor. Apresentado ao Dr. Vital Brazil, ele mostrou o desejo de que eu ilustrasse um livro em francês sobre os ofídios do Brasil e que seria uma ampliação da obra já conhecida “A Defesa contra o Ofidismo”. Não havendo tempo para expor de maneira completa o que desejava, marcou novo encontro, num outro domingo, pela manhã. No dia aprazado apresentei-me. O bonde era “Pinheiros” e percorria o mesmo trajeto que ainda faz e ponto final no largo do mesmo nome. Um trole do Instituto aguardava por mim. No trajeto perguntei ao condutor, de quem mais tarde tornei-me amigo, o Sr. Guilherme Ghert, se iria esperar muito pelo diretor; a resposta foi que o Dr. Vital Brazil há muito que estava à testa dos serviços, ministrando ordens aos empregados. De fato, no ponto terminal da viagem desci e fui ao encontro desse chefe, que imediatamente iniciou a exibição das cobras, mostrando-me exemplares de todas as espécies e tamanhos, arguindo-me sobre a possibilidade de reproduzi-las com a nitidez dos desenhos e cores que apresentavam. Propus-me a fazer uma tentativa e a escolha recaiu sobre um belo exemplar de cascavel, do qual recebi uma fotografia e diversas peles que serviriam como guias para o colorido.

Até então eu nunca havia visto de perto e observado as minúcias que caracterizavam uma cobra venenosa. Assisti à extração do veneno e deslumbrei-me com a luta da mussurana.

No meu regresso, dançava em minha mente a dúvida em conseguir o aspecto geral do ofídio, as curvas elegantes do corpo, o colorido e o amontoado de explicações que ouvi, como: séries de escamas, suas formas e localizações – labiais, lacrimais – rostral – parietais – ventrais e tantos outros nomes anatômicos que me colocavam em posição atoleimada... (...)

(...) Regressando do Butantan estava em dúvida quanto à minha capacidade de desenhar e colorir aquela cobra, dando a aparência que o cientista desejava. Fiz o trabalho sob essa impressão e depois procurei o mestre e o meu amigo Sarracino. Ambos acharam que eu havia interpretado de maneira correta a forma e a cor da cascavel, aconselhando-me que a levasse e submetesse à apreciação do diretor do Instituto, única autoridade para julgar as características indispensáveis para identificação rápida. Entusiasmei-me com o estímulo dos meus amigos e um dia fui à presença do Dr. Vital Brazil.

Durante a caminhada (porque fui a pé) de novo assaltou-me a timidez e insegurança. Tive ímpetos de voltar, desertando de um compromisso que assumi, ainda que sem a confiança de apresentar um trabalho bem feito. Mas, pensava e prosseguia no caminho.... Ao chegar, verifiquei que meus prognósticos pela falta de autoconfiança estavam errados, enquanto que estavam certos os meus conselheiros. O desenho agradou, ficando lá o meu endereço, para quando fosse chamado. (...)

(...) No dia 9 de setembro de 1912 fui chamado pelo diretor do Butantan e nesse mesmo dia comecei a trabalhar, dando início às ilustrações que deveriam servir para as edições de “La Défense contre l’ophidisme” e a Monografia do Instituto de Butantan, livros que foram editados pela firma Pocai & Weiss; o primeiro destes senhores, Elvino Pocai, falecido há cerca de dois anos [1956], era considerado “Mestre das Artes Gráficas” foi um grande amigo, a quem presto o meu preito de saudade.

Os citados livros foram distribuídos em maio de 1914, por ocasião da inauguração do “novo edifício” e que muito a propósito destaco estas palavras. É que até então o Instituto de Butantan, ponto alto do turismo em São Paulo, funcionava numa construção que fora o estábulo da fazenda e que só em parte foi adaptada para laboratório, ficando a outra metade funcionando como cocheira! Nesse ambiente propício às contaminações, durante o tempo em que lá trabalhei não tive conhecimento de um único insucesso nas culturas de diferentes tipos. Foi nesse barracão, pois outro nome não lhe podemos dar, que conheci os Drs. Dorival de Camargo, Bruno Rangel Pestana, João Florêncio Gomes e Sérgio Meira Filho.

O meu ordenado inicial correspondia, segundo ficou consignado, ao que sobrasse da verba “Expediente” que totalizava a importância mensal de quinhentos mil réis.

O novo edifício, cuja inauguração oficial se realizou em 4 de maio de 1914, teve o mundo oficial presente e a cerimônia está totalmente descrita em “MEMÓRIA HISTÓRICA DO INSTITUTO DE BUTANTAN” de autoria de seu antigo diretor e fundador, o Dr. Vital Brazil, obra editada em 1940 por Elvino Pocai.

No Salão Nobre do novo prédio foram inaugurados os retratos à pena de figuras de grande destaque e relevo na administração pública do Estado, e muito especialmente dos que, no início, prestigiaram a grande obra científica. São os seguintes: Dr. Altino Arantes, Dr. Carlos Guimarães, Dr. José Pereira de Queiroz, Dr. Bento Bueno e Dr. Emílio Ribas. Em lugar de destaque estavam dois medalhões em bronze, com as efígies do Conselheiro Rodrigues Alves e Dr. Cesário Motta, trabalho do escultor Lourenço Petrucci, artista este que também executou o baixo relevo da fachada, fixando a luta da mussurana com a jararaca e que desde então passou a ser o emblema do Instituto.

Certa vez, quando funcionário do Instituto de Butantan, devíamos ir à Cidade para escolher papel apropriado a fim de fazermos uma série de retratos que figurariam no Salão Nobre desse estabelecimento, pois estava próxima a inauguração do edifício principal, em maio de 1914. Já de posse do pedido dirigido à Casa Duprat e prontos para sair, fomos convidados pelo Dr. Vital Brazil para acompanhá-lo, visto como o seu destino era também o centro da Cidade e ia de automóvel.

Durante o trajeto, a conversa foi sobre a possibilidade de nós fazermos os retratos com tempo de figurarem em ocasião tão significativa para o Instituto que ele dirigia, e a oportunidade de ser prestada justa homenagem aos que tanto fizeram para a grandiosa realização ideal e científica. À nossa afirmativa, o Dr. Vital Brazil de novo começou a rever os nomes das pessoas que deveriam ser homenageadas. Em dado momento, perguntou-nos se na relação figurava o “Zezinho” de Queiroz. Como não constava e nós o desconhecíamos, disse-nos: “Dr. José Pereira de Queiroz, meu amigo e sincero admirador”.

Passados uns momentos, recordou-se do Dr. Bento Bueno e pediu-nos para anotar o seu nome e de que o lembrasse para fornecer-nos a fotografia desse político. Como que justificando esse ato, narrou que, no início da sua direção, uma propaganda intensa foi feita por dois funcionários

seus, os Srs. Maurício Ribeiro da Silva e João Nicácio de Godói junto aos fazendeiros de todo o Estado. Aos fazendeiros fornecedores inscritos eram enviados caixas, laços e soros antipeçonhentos, estes entregues ou enviados adiantadamente. Dessa forma, a procura dos soros era cada vez mais elevada e a produção tornava-se pequena, ameaçando uma paralização que seria prejudicial aos interesses tanto do Instituto como dos lavradores.

O número de animais em imunização era pequeno e o tempo com que se podia contar para a sangria variava entre 8, 12 e mais meses.

Diante da premência em atender os fazendeiros, não somente os que mantinham o regular envio de cobras, mas também para atender os novos inscritos que recebiam 3 ampolas adiantadamente, tendo em vista ainda encomendas urgentes de Drogarias e de algumas Repúblicas vizinhas, o Dr. Vital oficiou ao Diretor do Serviço Sanitário do Estado, na época o Dr. Emílio Ribas, pedindo cerca de 10 animais para serem imunizados com os diferentes venenos, depois de expor a situação em que se encontrava o estabelecimento. O Dr. Ribas encaminhou o pedido ao Secretário do Interior, pasta que era ocupada pelo Dr. Bento Bueno.

Este Secretário de Estado, desconhecendo o papel de relevo do Instituto de Butantan e a repercussão formidável dos efeitos dos seus soros, que se tornavam conhecidos na Europa, mandou dizer ao Dr. Ribas que perguntasse ao Dr. Vital Brazil se já não se sentia satisfeito com o cargo que lhe haviam dado. Tal recado foi transmitido pelo Dr. Ribas, seu grande amigo, que fora a Butantan para esse fim, mas tendo o cuidado de atenuar as palavras do Secretário, de modo a não produzir mágoa.

A reação surgiu e de maneira inesperada. O Diretor do Butantan sugeriu a seu chefe, o Dr. Ribas, que dirigisse um convite ao Dr. Bento Bueno para visitar o Instituto, ao mesmo tempo que iria conhecer mais um setor subordinado à sua Secretaria.

Marcada a data, a visita foi realizada ainda no velho galpão da antiga fazenda e que servira de estábulo. Bento Bueno conheceu o trabalho que tanto honrava São Paulo. Viu cobras de todas as espécies, assistiu à extração do veneno e a luta da Mussurana.

Lá, num ambiente onde tudo era improvisado, o Secretário do Interior mediu o esforço que era feito para que não faltassem esses novos recursos humanitários ao homem do campo. Certificara-se, portanto, da necessidade dos animais pedidos.

Ao despedir-se (reproduzimos aqui as palavras que ouvimos do Dr. Vital), o Dr. Bento Bueno perguntou-lhe quantos animais seriam necessários para o “seu” Instituto. Com a resposta de que ficaria satisfeito com os que solicitara, o Dr. Bueno disse-lhe: “Pois terá muito mais!”

De fato, dias mais tarde seguiu para o Butantan um lote de mueres adquiridos pelo Estado da Companhia de Viação Paulista, concessionária do serviço de bondes nesta Capital.

Quando fomos admitidos no Instituto de Butantan, como desenhista, em 1912, ainda existiam animais desse primitivo lote, apontados como excelentes produtores de soros. Eram todos numerados e com prefixos que os identificavam; no reduzido número dos que ainda sobreviviam, estavam o 3 V.B., e o 7 V.O., isto é, respectivamente, “veneno botrópico” e “veneno ofídico”.

Completando a narrativa, o Dr. Vital disse-nos que daquele dia em diante contou com mais um amigo sincero que o atendia prontamente e na sua gestão na pasta do Interior recomendava o

Butantan como uma das visitas de maior destaque a serem feitas. “Por isso”, insistiu, “o retrato dele deve figurar nessa galeria, embora no momento esteja afastado da política”.

Nessa altura, passávamos pela frente do prédio onde estava o Seminário N.S. da Glória, que ficava ao lado da primitiva Igreja da Consolação. Este edifício – o antigo solar da Família Prado – foi algum tempo a sede do Colégio Morton, onde Vital Brazil, adolescente, fez parte do seu curso de humanidades. Chegamos a este ponto, mandou parar o carro e desceu, convidando-nos a acompanhá-lo. Caminhamos até um ponto onde quase no fim do trilho e próximo dos fundos do terreno do Seminário havia uma porteira. Desse lugar, via-se ainda uma pista elíptica, cimentada, onde fora o antigo Velódromo Paulista e depois passara a ser campo de futebol.

Parado diante da porteira, apontou-nos uns restos de raízes dizendo “que muitas vezes, à sombra da árvore que existira, tomava a refeição que lhe era dada pela diretoria do Colégio, numa lata de banha. Era pobre, precisava ajudar a família que se transferira para São Paulo e o emprego que então conseguira foi o de cobrador da Companhia de bondes; mas, com todas essas dificuldades, mantinha o desejo de ser médico”. “ (...)

Augusto Esteves – Um Pouco da Minha Vida, 1960